

## Avaliação e Tratamento de Bebés e Crianças Jovens com Perturbações Graves do Relacionamento e da Comunicação

### A função das relações na pirâmide do desenvolvimento

Quase toda a aprendizagem humana se dá num contexto de relação, quer estas relações tenham lugar na sala de aula, na família, nas sessões de terapia ou constituam um esforço para modificar um comportamento. Ninguém poderá negar que a capacidade de sentir prazer e participar nas relações é fulcral para se aprender a relacionar-se com outros, experimentar-se a intimidade e a auto-estima positiva e estabelecer-se estratégias saudáveis para lidar com as situações. Para além disso, contudo, é nossa convicção que a maior parte das capacidades cognitivas ou intelectuais adquiridas nos primeiros quatro ou cinco anos de vida se baseiam também em emoções e relações (Greenspan, 1979, 1989, 1992). Por exemplo, os bebés aprendem pela primeira vez os conceitos iniciais de causalidade no contexto das suas relações precoces (quando o choro desencadeia o reconfortar, estender os braços tem por efeito ser pegado ao colo e os sorrisos e as caretas desencadeiam respostas emocionais por parte dos prestadores de cuidados), e não em actividades como bater com os objectos no chão (o que o faz aprender que esta acção produz um som). Da mesma forma, o significado de palavra e gestos, a noção do tempo e os conceitos de quantidade são também aprendidos no contexto das relações afectivas e interactivas precoces (Greenspan, 1997 a). Por exemplo, para uma criança jovem, «muito» representa mais do que se espera ou se precisa. «Pouco» é menos do que se quer. As palavras estão ligadas às experiências emocionais que as definem, e os gestos organizam-se em padrões associados às emoções e às expectativas (por exemplo, o sorriso do pai que leva a um abraço e a cócegas).

As relações desempenham uma série de funções na criança jovem. Acima de tudo, uma relação deve desenvolver calor humano, intimidade e prazer. Além do mais, as relações devem criar o contexto no qual as crianças experimentam a segurança física e emocional, a protecção das doenças e dos acidentes, e no qual são asseguradas as suas necessidades básicas de nutrição, alojamento e outras. Os aspectos reguladores das relações (por

exemplo, a protecção da criança da estimulação excessiva ou insuficiente) ajudam a criança a sentir prazer na intimidade e a manter um estado de segurança, de alerta e de atenção que vai permitir novas aprendizagens e mais desenvolvimento.

As relações constituem a base da comunicação (Greenspan, 1989, 1996, 1997 a e b). Inicialmente, o sistema de comunicação do bebé é não verbal. Envolve sinais afectivos (sorriso, olhar, caretas), interacções comportamentais contingentes (apontar, tirar e voltar a dar, negociar) e outros comportamentos deste género. Desde o sorriso recíproco mais precoce até a criança pegar na mão da mãe, levá-la ao frigorífico e apontar para a sua comida preferida, estabelece-se um sistema complexo de afectos, gestos e interacções comportamentais que vai persistir ao longo da vida do indivíduo. Apesar deste sistema não verbal funcionar eventualmente conjuntamente com formas de comunicação simbólicas verbais, continua a ser fundamental. (Por exemplo, os adultos tendem a confiar mais no aceno da cabeça não verbal ou no olhar de aprovação que nos elogios verbais, que podem por vezes ser enganadores.) Para que as relações constituam uma forma de comunicação que irá promover o desenvolvimento, têm que estar em funcionamento os aspectos não verbais complexos das relações.

As relações proporcionam o contexto para a criança aprender quais os comportamentos apropriados e os inapropriados (Greenspan, 1974, 1975). À medida que os repertórios comportamentais das crianças se tornam mais complexos, no segundo ano de vida, as propriedades discriminativas e reforçadoras das relações irão definir quais os comportamentos que irão intensificar-se e quais aqueles que diminuirão. Os repertórios são construídos a partir da relação recíproca entre as crianças e os seus prestadores de cuidados (aprendizagem discriminativa). Para além dos comportamentos, contudo, os afectos, os desejos, as percepções do eu e o sentido do eu estão também a organizar-se. O tom emocional e as interacções afectivas subtis das relações são, assim, tão importantes como outros comportamentos mais fáceis de observar.

As relações permitem à criança aprender a simbolizar a experiência (Greenspan, 1989). Os primeiros objectos com os quais a criança tem uma experiência emocional intensa não são brinquedos, mas sim os «objectos» humanos com quem interage. Nas suas interacções, a criança começa por ser o actor dos seus desejos e aspirações e, depois, irá representá-los na sua mente e rotulá-los com uma palavra. Passa da fase de desejar a sua mãe e pegar-lhe na mão para a fase de dizer «mãe» olhando para ela com amor. Esta transformação anuncia a capacidade simbólica.

A capacidade de representar um objecto no tempo e no espaço constitui um marcador muito utilizado para avaliar a noção de permanência do objecto e o início da capacidade simbólica. Mas o jogo do faz de conta ou as brincadeiras imaginativas que envolvem dramatizações humanas emocionais (por exemplo, abraçar bonecas ou lutar) ajudam a criança a aprender os tipos de simbolização com base afectiva que lhe permitirão relacionar uma imagem com um desejo ou uma intenção e depois utilizar essa imagem para pensar «se eu me portar bem com a minha mãe, ela deixa-me ir mais tarde para a cama». Perceber as motivações de um personagem numa história, assim como a diferença entre dez e três bolachas dependerá da capacidade de simbolização afectiva (Greenspan, 1997 a). As relações são, assim, fundamentais para o aparecimento das capacidades simbólicas na criança, do mesmo modo que constituem os alicerces das capacidades mais precoces.

A capacidade da criança para criar representações mentais das relações e, mais tarde, de outros objectos, constitui a base do pensamento simbólico posterior (Greenspan, 1989, 1992, 1997 a e b). Por exemplo, um elemento-chave essencial para a aprendizagem futura e a capacidade de lidar com situações é a capacidade de auto-observação, de resolução de problemas e de pensamento creativo. A capacidade de auto-observação é essencial para o auto-controle de actividades tão simples como

pintar dentro ou fora das linhas, ou fazer corresponder figuras a palavras ou números. A auto-observação também ajuda a pessoa a rotular em vez de manifestar os seus sentimentos. Ajuda-a a estabelecer empatia com os outros e adaptar os seus comportamentos às expectativas do meio.

A auto-observação é essencial para a aprendizagem diferenciada e para a negociação social. A capacidade de auto-observação provém da capacidade para se observar a si próprio e ao outro numa relação, e resulta das mesmas relações interactivas emocionais que as capacidades mais precoces. Do mesmo modo, os desempenhos cognitivos mais diferenciados, como o trabalho com números, a leitura e o pensamento analítico, dependem de competências fundamentais com base na relação. Por exemplo, as relações incluem as capacidades simbólicas, os floreados linguísticos com palavras, a construção de frases e os conceitos resultantes das experiências afectivas diárias. Do mesmo modo, as capacidades cognitivas envolvendo a percepção do espaço e do tempo surgem a partir da negociação diária do esperar ou não esperar, ou de ter um pouco mais ou um pouco menos disto ou daquilo. Mesmo a aptidão para a leitura resulta do fluir do diálogo com os pais. A criança só é capaz de compreender o significado das palavras ou das figuras de um livro no contexto das suas experiências emocionais diárias com os outros. Sem experiência emocional, não há abstracção, nem pode haver significado simbólico (Greenspan, 1997 a).

Os padrões familiares que dão origem a relações saudáveis nem sempre são fáceis de atingir. Muitas famílias estão em grande stress devido aos desafios desenvolvimentais que as suas crianças enfrentam. Muitas têm de lidar com um ambiente stressante, com a pobreza e/ou com dificuldades emocionais. Deve haver uma grande variedade de níveis de apoio, de acordo com as necessidades individuais de cada família (Greenspan et al, 1987; Greenspan, 1992).